

UMA VISÃO SOBRE A AVALIAÇÃO EM SALA DE AULA: UM ESTUDO DE CASO EM MACEIÓ-AL.

Manasséis Silvério da Silva Oliveira

Universidade Federal de Alagoas- UFAL/manasearh@gmail.com

Introdução

Baseados nessa perspectiva de mudanças constantes na educação brasileira, estruturada, atualmente, no modelo construtivista de alfabetização, buscar compreender através de uma entrevista com aplicação de questionário estruturado e subjetivo, um pouco sobre o processo educativo e avaliativo utilizado por um professor da rede pública de ensino.

A compreensão que a avaliação deve ser construída de uma forma mais ampla, observando a aplicação dos métodos avaliativos assim como se esses instrumentos são adequados para avaliar e mensurar a aquisição do conhecimento. Deve-se levar em consideração o aspecto construtivista da aquisição do conhecimento e a diversidade existente em sala de aula.

Nas análises de Luckesi (2011), para a instituição e para o professor o exame torna-se muito mais prático e eficiente em termos da economia do tempo e do esforço do trabalho do professor, onde se utiliza de um método que facilita a sua vida baseado na aplicação de uma avaliação e uma quantificação através de uma nota. Em contraposição ao trabalho que ele manifestará ao adotar o método avaliativo, por exemplo, pois a prática da avaliação compreende um universo de observações e considerações acerca do aluno.

Segundo Luckesi,

Na sala de aula, tanto para o professor como para o estudante, o ato de avaliar é mais exigente e mais trabalhoso que o ato de examinar. O ato de examinar, do ponto de vista do professor, exige somente a elaboração, a aplicação e a correção de provas, a atribuição de notas e o registro dos dados; já do ponto de vista do estudante, exige responder às provas e aguardar os resultados. (LUCKESI, 2011, p.425)

A referida pesquisa foi realizada por meio de entrevista com um Professor Licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Alagoas, está se especializando em Ensino Fundamental II e Médio pela UNOPAR, trabalha na área de educação há 8 anos entre escolas da rede pública estadual e particulares na cidade de Maceió-AL. Como forma de preservar a verdadeira identidade do entrevistado, utilizaremos um nome fictício nesse no decorrer das informações coletadas.

Nessa entrevista focaremos os métodos avaliativos sob os quais os alunos são submetidos no processo de ensino- aprendizagem, pois, como a própria estrutura educacional prevê a avaliação como mérito quantitativo para avaliar a aquisição do conhecimento e a capacidade intelectual do alunado.

Metodologia

Buscamos observar através do discurso, quais as práticas avaliativas utilizadas e as metodologias que podem ser desenvolvidas para quantificar ou mensurar números que servirão como pré-requisitos em vários campos da vida social para classificar o aluno e/ou conceder méritos.

Como já foi explicitada, essa pesquisa se propõe a assumir a perspectiva crítica da análise sobre o processo de avaliação escolar onde compreende a escola como lugar de

transformação social em contraposição à visão elitista e perpetuadora de desigualdades sociais. Diante disso, os aspectos metodológicos abordados neste projeto de pesquisa estão inseridos numa linha de caráter qualitativo justamente pelo fato de tratar do processo de ensino-aprendizagem, o qual requer um olhar mais aproximado e sensível.

O termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível (CHIZZOTTI *apud* LIMA, p. 15 -16).

Nesse sentido, a pesquisa proposta constitui um estudo de campo por buscar compreender a visão dos métodos de avaliação aplicados por um professor em uma Instituição de ensino e a sua provável eficácia.

Resultados e Discussão

Diante de várias mudanças acontecidas no modelo de ensino e de vários planos educacionais estabelecidos pelo Ministério da Educação, uma vez que o sistema educacional no Brasil é tratado com uma política de governo, percebemos que existe uma vasta variação no conceito sobre avaliação no campo teórico.

Nas análises conceituais que Romão (2008, p.56), faz em seu livro *Avaliação Dialógica: desafios e perspectivas*, ele nos apresenta o conceito trazido por Bradfield e Moredock, que consideram “o processo de atribuição de símbolos e fenômenos com o objetivo de caracterizar o valor do fenômeno, geralmente com referência a algum padrão de natureza social, cultural ou científica.”

Esse conceito elaborado por Bradfield e Moredock, nos remete a um processo avaliativo na qual pretende mensurar o valor trazido por um julgamento feito pelo professor baseados em padrões estabelecidos e consagrados socialmente como referência. Ele toma como base estruturante do método avaliativo as referências sociais vigentes para a Instituição Educacional e põe em prática como parâmetro.

Para o professor Gabriel,

Avaliar é um método um tanto tradicional e antiquado que não mensura a aquisição da aprendizagem, pois não se pode medir a aquisição do intelecto. Uma prova sobre a disciplina de História do Brasil e Geral, ao ser aplicada com questões objetivas ou subjetivas, pode representar dados quantitativos dessa aquisição do conhecimento ou simplesmente de um método de memorização que o aluno desenvolveu para adquirir aquele percentual de pontos necessários para ele. Logo, considero que a avaliação é um processo realizado por um diagnóstico muito mais amplo do que a mensuração de notas. Vejo a avaliação como um procedimento necessário para equipararmos o processo de aprendizagem entre o professor e o aluno, pois para mim é mais válido que eles aprendam e busquem a aquisição desse conhecimento do que simplesmente obtenham uma nota necessária apenas para o sistema educacional que temos hoje no Brasil, que classificam os sujeitos apenas.

No discurso realizado pelo professor, podemos perceber que apesar dele utilizar o método avaliativo vigente nas instituições educacionais na qual ele ensina, a forma de avaliar não condiz muito com o seu pensamento sobre avaliação, pois ele cita que em seu entendimento é mais válido que o aluno realmente aprenda do que as notas que eles tiram. Logo, vimos um pouco de insatisfação com o sistema avaliativo exigido a ele pelas escolas na qual trabalha.

Percebemos também que o método avaliativo se aproxima ao que Bradfield e Moredock (2008) citam, pois as escolas nas quais ele trabalha utilizam os valores sociais, culturais, econômicos e políticos vigentes na sociedade brasileira e criam parâmetros de mensuração avaliativos em um processo antidemocrático.

Na análise de Romão, “A avaliação passa a ser um processo de verificação e pesquisa das mudanças de estratégias e instrumentos que interfere na condução do processo educativo.” (ROMÃO, 2008, p, 57) Essa visão que Romão aponta nos direciona para que o professor Gabriel deixe a entender em seu discurso, como prática silenciosa na qual ele busca aplicar e considera como sendo uma postura de avaliação.

Questionamos como eram valorizadas as avaliações quanto ao tipo e método e quais desses tipos ele utilizava. Gabriel nos disse que:

As escolas nas quais trabalho, utilizam da mesma metodologia de avaliação quanto ao critério de pontuação dividindo ao no letivo em quatro bimestres compostos de duas avaliações para cada. Todas as direções gerenciais e pedagógicas nos deixam claro que mesmo diante de novas metodologias de ensino e de didáticas exercidas em sala e trazidas até mesmo defendida pela Psicopedagogia, temos que realizar a aplicação do que denominamos de “Prova”. Logo, por mais que queiramos inovar os tipos de avaliação sempre estaremos presos ao tipo tradicional. Hoje, faço jogos em salas de aula como método de avaliação, trabalho expositivo, seminário, experimentos e pesquisas em parcerias com outros professores, trabalho escrito, redação, simulado e a tradicional “prova”.

Para entendermos essa questão da avaliação na qual Gabriel cita como parâmetro utilizado na escola, vamos nos remeter ao que Luckesi nos diz ao afirmar que “o termo avaliação, etimologicamente, tem a ver com qualidade. Ele provém de dois componentes latinos – *a* e *valere*- que, juntos, significam “atribuir valor a alguma coisa”, isto é, atribuir qualidade a alguma coisa.” p. 417 (LUCKESI, 2011)

Nessa definição que Luckesi nos dá, associa ao que o professor nos diz ao falar que a avaliação é uma forma de quantificar e de classificar os sujeitos, pois sempre é feito a atribuição valorativa aos atos dos alunos em relação ao processo de construção desse conhecimento.

Em seguida, questionamos ao professor o que ele entende por avaliação e por exame, assim como a diferença existente entre esses conceitos. Ele nos respondeu que:

A avaliação é toda a metodologia utilizada nas instituições escolares entre outras instituições com a finalidade de quantificar algo, trabalhar através de dados estatísticos se a totalidade foi alcançada naquele objetivo pretendido. Já o exame é um sistema também de avaliação na qual nos permite diagnosticar qualitativamente o aluno.. Acho engraçado o ENEM, que em sua sigla de nomenclatura traz consigo a palavra Exame, mas que na prática sei que não existe esse ato de examinar e sim de quantificar e classificar os nossos alunos. Acredito que ainda não possuímos capacidade para uma discussão em ampla escala sobre essas questões de métodos avaliativos ou exame.

Ora, podemos compreender melhor essa posição e a fala de Gabriel quando compreendemos o que Luckesi (2011) nos diz ao falar sobre “Avaliação e quantidade de trabalho do professor”. Em seu discurso, Luckesi (2011) nos aponta que existe uma construção histórica enraizada na estrutura da educação, pois esse método de avaliação nos remete aos parâmetros do século XVI que irá delimitar todo o método a ser utilizado na contemporaneidade.

Ainda nas análises de Luckesi (2011), para a instituição e para o professor o exame torna-se muito mais prático e eficiente em termos da economia do tempo e do esforço do trabalho do professor, onde se utiliza de um método que facilita a sua vida baseado na aplicação de uma avaliação e uma quantificação através de uma nota. Em contraposição ao trabalho que ele manifestará ao adotar o método avaliativo, por exemplo. Pois a prática da avaliação compreende um universo de observações e considerações acerca do aluno.

Na sala de aula, tanto para o professor como para o estudante, o ato de avaliar é mais exigente e mais trabalhoso que o ato de examinar. O ato de examinar, do ponto de vista do professor, exige somente a elaboração, a aplicação e a correção de provas, a atribuição de notas e o registro dos dados; já do ponto de vista do estudante, exige responder às provas e aguardar os resultados. (LUCKESI, 2011, p.425)

Percebe-se que a praticidade do método para ambas as partes, tanto para o professor como para o próprio aluno, construído através do processo histórico, torna o caráter avaliativo uma mera reprodução dos dados estatísticos, pois a mudança metodológica exigiria mais dedicação do professor e do aluno.

Em seu discurso, Gabriel citou o ENEM como uma referência na diferenciação sobre exame e avaliação. Questionamos a ele se a escola na qual ele trabalha participa de avaliações em larga escala e quais seriam essas avaliações e de qual forma essas avaliações acontecem na escola. Ele nos enfatiza que

Acredito que a nível de Brasil, independente se a escola é pública ou privada, nós, enquanto professores e educadores trabalhamos em sala de aula em busca da emancipação do indivíduo em seu aspecto econômico, político e social, a fim de que eles compreendam que a educação é a única forma de dialogar com o mundo capitalista. Nesse sentido, nós passamos a trabalhar com conteúdos e metodologias voltadas para o grande sistema de Avaliação que possuímos hoje no Brasil que subsidiará a esse sujeito uma vaga dentro das Universidades Públicas assim como a garantia em alguns direitos em programas de Universidades Privadas, subsidiadas pelo próprio governo. Logo, passamos a trabalhar voltado para o ENEM, o que tempo antes era pelo famoso PSS. (GABRIEL)

Ora, Luckesi nos mostra que esses métodos avaliativos estão postos para nós educadores desde 1988. Logo, há quase trinta anos, o Brasil vem desenvolvendo avaliações em larga escala para trabalhar quantitativamente o ensino fundamental e secundário. Esses parâmetros em larga escala representa um diagnóstico sobre o desempenho dos alunos fazendo reflexo ao quadro da educação brasileira.

Segundo Luckesi, “os resultados da educação nacional, no que tange ao acesso à escola, tem sido cada vez mais satisfatórios, porém, no que tange à sua qualidade, tem deixado muito a desejar.” p. 430 (LUCKESI, 2011)

A cobrança realizada em cima dos alunos para que eles venham a passar de forma positiva nesses exames de larga escala possui um índice elevado. Em uma entrevista com Celso Vasconcellos (2015), ele expõe que: “uma criança não pode responder por andar sozinha no elevador, mas pode responder sozinha por sua não aprendizagem na escola (...)”. Nesse sentido, Vasconcellos reforça ainda mais essa cobrança existente sobre os alunos diante das avaliações.

Diante de tanta cobrança, questionamos a forma de valorização da participação do aluno em sala de aula. Para esse questionamento, o professor entrevistado relatou que:

Esse é um questionamento importante. Desde pequeno quando eu ia para a escola e eu tirava um nota dez, eu chegava em casa todo feliz para contar ao meu tal feito, e o mesmo me respondia, que eu não fazia mais do que a minha obrigação tendo em vista que eu só fazia estudar. A partir dessa frase, passei a observar melhor as atitudes dos alunos em sala de aula e a enxergar que uma nota dez não corresponde ao real conhecimento que eles possuem. A partir daí passamos a adotar um método de reconhecimento de mérito pela aprendizagem e pelo destaque em sala de aula à parte da nota dez, pois uma nota dez, em minha opinião não reflete o nível de conhecimento. (GABRIEL)

Nesse sentido, verifica-se um aproveitamento maior sobre o aspecto de como o aluno está construindo esse conhecimento e de como o professor atua na sala de aula. O diálogo

aparece como uma ferramenta muito utilizada nesse processo de ensino- aprendizagem A percepção que o professor possui sobre a valorização do conhecimento, parte de uma experiência pessoal. O reflexo dessa experiência o auxilia na melhoria metodológica na forma de avaliação e de reconhecimento do aluno.

Vale ressaltar que esse parâmetro é utilizado apenas por ele, nas salas de aula na qual ele ensina, não sendo aplicados aos demais professores, pois cada professor possui a autonomia de trabalhar em sua sala de aula dentro dos parâmetros regidos pela escola.

Pegando o gancho nessa metodologia de premiação que o professor desenvolveu, questionamos a ele qual a forma que utiliza para realizar o registro das atividades e do aprendizado dos alunos. Gabriel nos disse que:

Primeiro não podemos abolir o que as escolas chamam de cadernetas. Nela, temos que registrar toda a frequência do aluno em sala de aula e todo o conteúdo programático desenvolvido em sala durante a aula e as atividades feitas. Desse registro, eu não tenho correr, mas paralelo a esse registro, eu tenho o meu caderno de anotações que eu costumo fazer para cada turma onde eu faço as minhas observações acerca de cada aluno. Esse meu registro facilita o meu trabalho e também a minha memória quando necessito dialogar com alguma mãe de algum aluno. (GABRIEL)

O Registro ele é um aspecto importante para o ensino, uma vez que ele serve para anotação de frequência, conteúdos e notas, ele serve para que o professor também se avalie enquanto educador, podendo verificar o seu desenvolvimento em sala de aula e a sua metodologia de ensino prospectando cada vez aulas melhores e interativas com seus alunos.

O professor em sala de aula torna-se uma espécie de pesquisador, pois seu papel vai além do repasse de conhecimento, do diálogo e da troca de informações. Ele perpassa para o campo da observação e do conhecimento altere. Nesse aspecto de observação e de anotações sobre elementos observados em sala de aula por Gabriel, nos causou a curiosidade sobre - como ele analisa esses resultados obtidos pelos alunos no aspecto de notas nos tipos de avaliação realizada quanto nesse seu novo método de mensuração quanto ao nível de aprendizagem.

O mesmo nos diz que,

A observação que realizo faz parte justamente dessa visão que nós professores deveríamos enxergar. O aluno não está posto em sala de aula como um depósito vazio que deve ser preenchido pelo o que o professor acha que ele deva ter acesso. A construção do pensamento e do conhecimento é muito mais ampla do que uma nota que ele possa tirar em uma determinada prova ou simulado. Tento perceber o meu aluno, antes de tudo como um ser humano que está em construção. Não existe uma totalidade pronta. Defendo o conhecimento como algo inacabado na qual estamos sempre em busca de novas aquisições. Logo, valorizo o que o meu aluno pensa, fala em sala de aula e sempre busco fazer uma associação prática com a realidade vivenciada por todos nós. (GABRIEL)

Consideramos de suma importância essa fala que Gabriel nos traz, pois conseguimos perceber que o seu método busca uma compreensão do aluno enquanto um ser que está ali para aprender e se tornar um sujeito pensante. Seu método de observação se equipara a muitos métodos de utilizados em pesquisas de campo, por exemplo, como a observação participante defendida por Malinowski.

Rompendo com velhas metodologias ou metodologias tradicionais na quais as nossas crianças são submetidas diariamente. Tal ponto pode ser percebido em sua fala em diversos pontos, como a questão de considerar o aluno como uma folha de papel em branco que deve ser preenchida pelo professor como nos observou Vygotsky, ao desenvolver a teoria do

Desenvolvimento Cognitivo que classifica em etapas, formas, modelos e tipos a aquisição do desenvolvimento.

Questionamos a Gabriel como ele enxerga o erro do aluno em sala de aula. Explicitou que:

Existe um velho jargão que já nos remete a essa questão, onde sempre falamos que “errar é humano”. Nesse sentido, percebo o erro como algo positivo quando se tira a verdadeira lição no sentido de ter cometido o erro. Enxergo que o erro é inerente ao conhecimento, pois quando ele acontece, significa de dizer que algo não foi aprendido ou que essa ou aquela informação não foi clara ou precisa. E aí, posso verificar o ponto de partida junto ao meu aluno e ver se o erro foi por ausência da compreensão dela distração ou pela forma como me portei diante de tal informação e situação. Considero o erro como um elemento válido para o ensino e para a avaliação da metodologia e didática aplicada.(GABRIEL)

Para Luckesi (1995), o aluno quando comete o erro em determinadas fases do ensino e principalmente perante a avaliação, o aluno cria em si o sentimento de autopunição. Luckesi nos diz que,

A partir do erro, na prática escolar, desenvolve-se e reforça-se no educando uma compreensão culposa da vida, pois além de ser castigado por outros, muitas vezes ele sofre ainda a autopunição. Ao ser reiteradamente lembrado da culpa, o educando não apenas sofre os castigos impostos de fora, mas também aprende mecanismos de autopunição, por supostos erros que atribui a si mesmo.” (LUCKESI, 1995, p. 51)

Essa questão do erro apontada por Gabriel como forma de reflexão e dialogada com o aluno, alivia esse sentimento de culpa que o aluno traz consigo perante o erro. Pois, no discurso do professor percebemos que existe uma sutileza em tratar a questão do erro em sala de aula, abordada como forma de revisão sobre o erro e de análise e não de apontar o aluno como o único culpado do processo.

Puxando pela linhagem do erro, questionamos sobre a famosa “cola”, de como Gabriel trabalha questão da “cola” em sala de aula. Sua resposta foi simples,

Sou um tanto quanto chato na fiscalização em dias de aplicação dos métodos avaliativos. De forma que eu nunca percebi e nem peguei nenhum aluno colando em sala. Entendo que os alunos possuem seus truques, mas nunca precisei repreender ninguém. No entanto, se o referido ato chegasse acontecer de forma clara em minhas avaliações me sentiria super ofendido, pois sei do profissional que sou em sala de aula e da relação de amizade e confiança que estabeleço com os meus alunos, de modo que não me hesitaria, de primeira mão, em conceder o tão temido 0 (Zero). Nesse ponto, agiria, como todo professor age diante dessa situação. (GABRIEL)

Para Luckesi, “o termo “cola”, no linguajar escolar, indica o ato pelo qual um estudante copia a resposta dada por outro colega a determinado item de teste ou prepara uma cópia prévia para usá-la como base para sua resposta.” (LUCKESI, 2011, p. 412) Esse conceito nos remete a refletir sobre o que houve com o nosso aluno em sala de aula. Nesse sentido, percebemos que a prática em sala de aula requer uma vasta atuação do professor e um enorme preparo em seu sentido amplo, pois o campo da sala de aula é bastante complexo exigindo variadas posturas e papéis de um único profissional.

Considerações Finais

Ao pensarmos na avaliação como instrumento que propicia a aprendizagem estamos

assumindo um entendimento de que essa atividade não tem fim em si mesmo, mas que pode propiciar ao educando a possibilidade de confrontar seus conhecimentos e construí-los ou reconstruí-los.

Sendo assim, a avaliação da aprendizagem passa a ser um instrumento no qual dará auxílio ao educador para atingir seus objetivos propostos em sua prática educativa. A avaliação sob essa ótica deve ser tomada na perspectiva diagnóstica, servindo como mecanismo para detectar as dificuldades e possibilidades de desenvolvimento do educando.

A avaliação precisa ser concebida como feedback para que o professor possa redimensionar sua prática pedagógica, propiciando assim, a melhoria do processo ensino-aprendizagem.

No processo educacional de hoje em dia a avaliação é utilizado simplesmente para classificar os alunos, o que não tem contribuído para melhorar a aprendizagem. Portanto, ela pode possibilitar ao educador o entendimento de como o aluno está reagindo frente ao conhecimento explorado.

Vale ressaltar que cada aluno reage diferentemente um do outro perante a construção do conhecimento. Portanto, não se pode exigir que todo educando se desenvolva igualmente em todos os componentes curriculares. Sendo assim, é preciso diversificar mais as atividades avaliativas e explorar mais os trabalhos em grupo, em parceria, para que os alunos possam estar contribuindo uns com os outros nos conhecimentos que apreenderam.

Conclui-se então que, o ato de avaliar deve ser bastante pensado no trabalho do educador, para que o mesmo possa redimensionar a sua atuação na mira da melhoria do processo ensino-aprendizagem.

Referências

LIMA, Antônio. *Curso de Licenciatura em Letras/Português à distância*: Elaboração de Projetos. Disponível em: http://moodle.ifal.edu.br/pluginfile.php/203044/mod_resource/content/2/TCC%20Elabora%C3%A7%C3%A3o%20de%20Projetos.pdf

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem** componente do ato pedagógico. 1ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 1995.

ROMÃO, José Eustáquio. **Avaliação dialógica**: desafios e perspectivas. 7ª ed. – São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2008.

VASCONCELOS, Celso. **Entrevista**. Disponível em: <HTTP://WWW.educacaoetecnologia.org.br/?p=4919>> Acessado em 27.02.2015